

***Maria de todos os rios*, de Benedicto Monteiro: personagens desvalidas no garimpo de Serra Pelada**

Maria de todos os rios, by Benedicto Monteiro: underprivileged characters in the Serra Pelada mining

Rebeca Freire FURTADO*

Universidade Federal do Pará (UFPA)

Marlí Tereza FURTADO**

Universidade Federal do Pará (UFPA)

RESUMO: O escritor paraense Benedicto Monteiro (1924-2008) é um dos nomes da literatura produzida na Amazônia brasileira cujo olhar se volta para o retrato do homem em contato com este ambiente. Em romance de sua autoria, *Maria de todos os rios* (1992), a narradora Maria apresenta diversas personagens que, desvalidas, viram reféns das suas próprias misérias: mulheres que veem na prostituição uma alternativa de sobrevivência, garimpeiros que trabalham de forma desumana na busca pelo ouro, membros da comunidade LGBT¹ que têm seus direitos negados pelo período de Ditadura Militar de 1964, no Brasil, e todos aqueles que, como os outros, encontram-se à margem da sociedade. O presente estudo, portanto, busca analisar as personagens desvalidas no espaço do garimpo de Serra Pelada e seus arredores presentes no romance monteiriano. Nesse sentido, a partir das personagens construídas, pretende-se discutir acerca dos grupos sociais historicamente marginalizados.

PALAVRAS-CHAVE: Benedicto Monteiro. Personagens. Serra Pelada. Literatura da Amazônia.

* Graduação em Letras – Língua portuguesa pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Especialista em Língua portuguesa e Literatura pela UFPA. Mestranda no Programa de pós-graduação em Letras da UFPA na área dos Estudos Literários e bolsista CAPES. E-mail: rebecafurtado@ufpa.br.

** Professora titular de Literatura no curso de Letras e no Programa de pós-graduação em Letras – Estudos Literários da Universidade Federal do Pará. E-mail: marlitf@ufpa.br.

¹ Vale destacar que, nos anos 90, década em que a obra objeto de estudo deste trabalho foi publicada, ainda se utilizava o termo “LGBT” no lugar de “LGBTQIA+”, sigla que abrange outros grupos da comunidade. Por isso, adotaremos o primeiro termo considerando o recorte temporal do romance analisado.

ABSTRACT: The writer from Pará, Benedicto Monteiro (1924-2008), is one of the literature names produced in the Brazilian Amazon whose gaze is turned to the portrayal of man attuned to this environment. In the novel *Maria de todos os rios* (1992), written by him, Maria, the narrator, presents multiple characters who, helpless, turn hostage to their own miseries: women that find in prostitution the alternative for their survival, miners who work in inhuman conditions in their search for gold, members of the LGBT community who have their rights denied by the 1964 Military Dictatorship, in Brazil, and all of those, like the others, are on the margins of society. The present study, therefore, seeks to analyze the helpless characters in the Serra Pelada mining space and its surroundings present in the Monteirinian novel. In this sense, we intend to discuss social groups that are historically marginalized based on the characters constructed.

KEYWORDS: Benedicto Monteiro. Characters. Serra Pelada. Amazonian Literature.

Considerações iniciais

Discorrer acerca do território amazônico não é tarefa recente, basta recuperarmos o período de colonização do Brasil para lembrarmos dos registros dos viajantes e cronistas que aqui estiveram presentes. Apesar disso, é a partir do século XIX que a figuração da Amazônia em diferentes textos ganha maior força, principalmente com o início do retrato da saga da borracha. Rodolfo Teófilo (1863-1932), com *O paroara* (1899), é considerado o primeiro a escrever um romance sobre a economia gomífera na Amazônia, conforme assinala Marlí Furtado (2021, p. 526) em *Narrativas amazônicas*. Depois de Teófilo, é vasto o número de obras que tratam da mesma temática, sobretudo ao longo do século XX, como é o caso de *Terra caída* (1961), de José Potyguara, e *Seringal* (1972), de Miguel Ferrante, para citar apenas duas obras pós-década de 60 que denunciam a condição degradante vivida pelos seringueiros.

Aparentemente superada a inclinação dos escritores de representar o trabalho nos seringais, e com a chegada dos projetos de modernização e exploração dos minérios da região amazônica, uma nova temática surge: a representação dos garimpos da Amazônia brasileira. Ainda na década de 40 do século XX, Nenê Macaggi (1913-2003) escreve o

romance *A mulher do garimpo: o romance no extremo sertão do Amazonas*², publicado em 1976 e tendo como ambientação um garimpo no estado de Roraima; um pouco mais de quinze anos depois, em 1992, Benedicto Monteiro publica *Maria de todos os rios*, em que boa parte da narrativa se centraliza no garimpo de Serra Pelada; por último, Marçal Aquino, em 2005, publica *Eu receberia as piores notícias dos seus lindos lábios*, romance também ambientado em Serra Pelada e que evidencia a tensão existente entre a empresa mineradora e os garimpeiros. Ainda não é possível afirmar que a escrita sobre o garimpo amazônico é ou será uma tendência na literatura brasileira, porém, os livros que já foram publicados acerca dessa temática chamam a nossa atenção porque trazem para discussão as consequências da mineração tanto para o homem inserido neste contexto quanto para o ecossistema amazônico brasileiro.

Este trabalho objetiva, portanto, analisar as personagens desvalidas³ presentes no espaço do garimpo de Serra Pelada, no estado do Pará, no romance *Maria de todos os rios*, do escritor paraense Benedicto Monteiro. Monteiro vai além e não se detém apenas na temática do garimpo, mas principalmente no retrato da vida dos grupos subalternizados⁴ na Amazônia, que buscam alternativas outras para se manterem.

Nascido em 1924, no município de Alenquer, estado do Pará, Monteiro atuou em vários ofícios, entre eles o de escritor, advogado, Promotor, Juiz de Direito, jornalista e deputado estadual, todos eles no Pará. Em 17 de abril de 1964, foi preso e torturado em decorrência do golpe militar de 1964, fato este que influenciou diretamente a sua escrita, considerando que pelo menos cinco de seus romances estão inseridos neste período (NASCIMENTO, 2004). No ano de 2008, em Belém, Bené, como era carinhosamente chamado por seus amigos e leitores, foi a óbito, deixando uma quantidade considerável de obras: os romances *Verde vagomundo* (1972), *O minossauro* (1975), *A terceira margem* (1983) e *Aquele um* (1985), que compõem a tetralogia amazônica; *Bandeira branca* (1954), *O carro dos milagres* (1975), *Como se faz um guerrilheiro* (1985), *Maria*

² No estudo *Nenê Macaggi, Desenvolvimento e Exotismo n'A Mulher Do Garimpo*, Roberto Mibielli (2016) evidencia que, apesar de a obra de Macaggi ter sido publicada na década de 70, a escritora faz um recuo estético-literário ao exagerar na descrição paisagística amazônica, enfatizando o seu aspecto exótico a partir de uma oposição entre a imagem do cortiço do Rio de Janeiro, construída por Aluísio de Azevedo em 1890, e o sertão de Boa Vista, no estado de Roraima.

³ Faz-se necessário destacar que adotaremos os termos “desvalidos”, “desamparados” e “marginalizados” como sinônimos, uma vez que eles expressam a ideia de grupos sociais desprotegidos socialmente. Essa percepção está ancorada no estudo de Gayatri Spivak (2010) e Regina Dalcastagnè (2002).

⁴ Adotaremos o termo “subalternizado” no lugar de “subalterno” pelo fato de o primeiro marcar o processo de subalternidade imposto aos sujeitos, enquanto o segundo normaliza essa condição.

de todos os rios (1992), *Transtempo* (1993), *Discurso sobre a corda* (1994), *A poesia do texto* (1998) e *A terceira dimensão da mulher* (2002)⁵, de gêneros diversos, como romance, conto, poesia e autobiografia.

Maria de Fatima Nascimento (2004) aponta que o primeiro livro publicado de Monteiro, *Bandeira branca*, contou com o prefácio do amigo e também escritor paraense Dalcídio Jurandir. Destacamos o seguinte fragmento do prefácio: “você fala da paisagem espessa e úmida da Amazônia mas, sobretudo, fala do homem amazônico, a dolorosa paisagem humana da nossa terra. O poeta vê o caboclo na sua luta, na sua miséria, na triste palhoça à beira do rio (..)” (NASCIMENTO, 2004, p. 14). Apesar de se referir ao livro de estreia de Monteiro, as palavras de Jurandir também se aplicam ao romance *Maria de todos os rios*. Expliquemos.

Nesta obra, Benedicto Monteiro constrói uma Amazônia em processo de transformação decorrente dos projetos de mineração. Narrado em primeira pessoa por Maria, que empresta seu nome ao título do romance, o livro escancara e denuncia a condição social dos grupos das camadas mais baixas da Amazônia paraense. A paisagem se degrada, transforma-se, assim como a vida humana, evidenciada a partir da miséria e exploração na qual o homem amazônico se vê suscetível ao ser empurrado a uma utopia do enriquecimento com o ouro.

Assim, em seu relato, Maria conta a uma interlocutora chamada Dalva as suas andanças pelos mais variados espaços paraenses, desde a periferia da capital Belém até o garimpo de Serra Pelada. Convém lembrar que tal técnica narrativa já havia sido empregada anteriormente nos romances monteirianos que compõem a sua tetralogia amazônica. Em *O Minossauro* (1975), por exemplo, o personagem Miguel dos Santos Prazeres relata sua vivência na Amazônia ao seu interlocutor, “um senhor” - que vai se repetir inúmeras vezes, de forma reiterativa (220 vezes), numa espécie de elaboração linguística como se fosse um discurso oral” (NASCIMENTO, 2004, p. 60). No caso da obra citada, o interlocutor é Paulo, um geólogo; em *Maria de todos os rios*, a interlocutora é Dalva, uma socióloga e psicóloga que está pesquisando acerca da sensualidade da mulher brasileira.

⁵ Para mais informações acerca da vida e obra de Benedicto Monteiro, verificar a entrevista concedida à pesquisadora Maria de Fatima Nascimento na dissertação *A representação alegórica da ditadura militar em O Minossauro, de Benedicto Monteiro: fragmentação e montagem* (2004).

Portanto, por intermédio do relato de Maria a Dalva, conhecemos personagens em estado de desamparo: prostitutas que utilizam seu corpo como forma de sobrevivência, jovens rapazes que veem na mineração uma oportunidade para enriquecer, membros da comunidade LGBT, homens e mulheres, todos eles desvalidos, negligenciados e reféns das próprias misérias. Vale mencionar que o surgimento do garimpo de Serra Pelada se deu no período de Ditadura Militar no Brasil, por isso, é possível perceber, no romance, as violências e torturas realizadas contra aqueles que, de alguma forma, desobedecem a “ordem”. No mais, é a partir dessa perspectiva que afirmamos que estamos de acordo com o que pontua Jurandir sobre Benedicto Monteiro: o autor paraense não apenas apresenta a paisagem da região amazônica, mas principalmente representa a tentativa de resistência humana perante o desamparo e a exploração. Com isso, discutiremos abaixo a respeito de alguns levantamentos históricos sobre o garimpo de Serra Pelada para então discorrer acerca das personagens desvalidas deste romance.

1 A garimpagem de ouro na Amazônia e as suas vidas desamparadas

“Às vezes, ao voltar da zona, eu cruzava com eles. Homens, mulheres e crianças amarfanhados de sono, ainda atordoados pelo sonho em que se viam colhendo um relâmpago do útero da terra: a pedra que modificaria suas vidas”.
(AQUINO, 2005, p. 64).

No clássico livro *Literatura e sociedade* (1965), Antonio Candido apresenta sua tese acerca da relação existente entre literatura e meio social. Para ele, o elemento social é um dos aspectos que interferem na construção de uma obra literária, com outros fatores de ordem psicológica, religiosa e linguística (CANDIDO, 2006). De forma equilibrada, o social faz parte da construção do texto literário, deixando de ser um elemento externo para se tornar um elemento interno nas narrativas. Assim, percebemos que, em *Maria de todos os rios*, os aspectos característicos da garimpagem amazônica, como, por exemplo, a exploração da riqueza natural da Amazônia e da mão de obra barata e a utilização do corpo feminino como uma saída para a mulher sobreviver, fazem parte da tessitura do romance monteiriano e, portanto, passam a ser elementos internos à narrativa. Dessa forma, Monteiro consegue abarcar, em sua obra, temas delicados e atuais da região amazônica, considerando a relação entre o texto literário e o meio social.

Assim como Candido (1965) discorreu a respeito da relação equilibrada entre literatura e sociedade, Karl Erik Schøllhammer (2009) defendeu que há uma urgência dos

escritores contemporâneos em desenvolverem obras que se aproximem da realidade histórica do país. Como mencionado, a tentativa de composição de livros que interrelacionam-se com a realidade se manifesta no romance *Maria de todos os rios*, com a temática do surgimento da garimpagem na Amazônia. Dito isto, apresentaremos a seguir algumas noções históricas acerca do garimpo de Serra Pelada para melhor compreendermos a construção das personagens desvalidas no romance monteiriano.

Conhecido como o maior garimpo a céu aberto do mundo, o garimpo de Serra Pelada⁶ estava localizado na região Sudeste do estado do Pará e foi descoberto no final da década de 1970. Segundo Armin Mathis (1995), no artigo “Serra Pelada”, tudo iniciou quando ouro foi encontrado em uma fazenda localizada entre as cidades de Marabá e Serra dos Carajás. Depois que a notícia se espalhou, “mais de 1000 pessoas chegaram à Serra Pelada” (MATHIS, 1995, p. 4). O fluxo migratório para essa região se intensificou na década de 80, na medida em que milhares de cidadãos se dirigiam para aquele espaço com o sonho de enriquecer ou ascender socialmente a partir da mineração de ouro. Letícia Tedesco (2015) afirma que:

Com Serra Pelada estava dado o segundo ciclo do ouro brasileiro e a abertura oficial da grande corrida de ouro na Amazônia. Não obstante, já existia ouro, garimpo e garimpeiros na Amazônia brasileira, mas foi a partir de Serra Pelada que o garimpo tornou-se uma questão e um problema a ser visibilizado, analisado, controlado e disputado. (TEDESCO, 2015, p. 68).

O intenso fluxo de pessoas fez com que o garimpo passasse a ser chamado de “formigueiro humano”, o que nos leva a pensar que as condições de trabalho eram desumanas, confirmado por Marcus Lavarda (2017, p. 3) em “O ‘formigueiro humano’: o garimpo de Serra Pelada pelas fotografias de Sebastião Salgado”: “não levou muito tempo até que se formasse uma multidão de homens a trabalhar diariamente carregando sacos de terras pesando entre 30 e 50 quilos sobre os ombros e subindo as íngremes e perigosas escadas de madeiras”, sendo que a maioria dos trabalhadores tinha entre 20 e 40 anos. Com isso, percebe-se que a falta de oportunidades e recursos financeiros, além da utopia de enriquecer com o ouro, interferiu diretamente na ida desses indivíduos para o garimpo, fazendo com que se degradassem e degradassem o espaço em que viviam, uma vez que a consciência ecológica não parecia fazer parte de suas práticas garimpeiras.

⁶ De acordo com Armin Mathis (1995), o local passou a ser chamado de Serra Pelada devido ao fato de ser uma serra sem cobertura vegetal.

Sobre esse assunto, Elder de Paula (2013), em texto intitulado “O Grande projeto: quando destruição/conservação convertem-se em ‘oportunidades de negócios’”, mostra-nos que, para além de pensarmos as condições destes indivíduos, é preciso refletir, também, sobre a destruição⁷ ecológica e social destes territórios, afetados diretamente pela atividade de mineração. Apesar disso, focaremos na vivência dos personagens no garimpo por se tratar do foco em *Maria de todos os rios*.

Além de estarem expostos a acidentes durante a atividade garimpeira, bem como à possibilidade de adquirirem queimaduras na pele em decorrência da exposição ao sol, os garimpeiros também tinham que lidar com a falta de saneamento básico, moradia digna e remuneração pelo serviço, tendo em vista que, a partir da chegada de Sebastião Curió⁸ no garimpo, houve maior controle do ouro minerado. Mathis (1995, p. 7) esclarece que, com a intervenção militar, o Governo Federal “se impõe como dono de garimpo na Serra Pelada e define as regras que organizam a vida dos trabalhadores controlando também, rigidamente, a entrada e saída de pessoas do garimpo”, principalmente mulheres, crianças e bebidas alcoólicas, com a justificativa de que a presença desses grupos poderia afetar o trabalho na mineração. As mulheres, impedidas de trabalhar como garimpeiras, encontraram no mundo do meretrício uma forma sobreviver.

No espaço de Serra Pelada e também nos seus arredores, como a Vila de Curionópolis, os sujeitos e sujeitas que não fazem parte de um grupo minoritário de pessoas que detém a autoridade e o poder no garimpo são empurrados para a margem da sociedade, vendo-se explorados no processo de mineração, como é o caso dos rapazes que perdiam sua juventude para trabalhar e das mulheres que recorriam à prostituição na tentativa de conseguir recursos para necessidades básicas, como moradia e alimentação. Portanto, é evidente que as vidas ali presentes, e também as personagens do romance *Maria de todos os rios*, encontravam-se em estado de desamparo e subalternidade,

⁷ No ano de 2023, observamos o quanto que a prática do garimpo ilegal na Amazônia afeta o ecossistema e os indivíduos da floresta, sobretudo os indígenas Yanomami, que têm sofrido com a invasão dos garimpeiros em suas terras e a devastação do ambiente. Em artigo publicado no Instituto Socioambiental, Dário Kopenawa (2023), ativista e Vice-presidente da Hutukara Associação Yanomami, diz-nos que “onde há garimpo não há prosperidade”, uma vez que o que é levado em consideração é a perspectiva mercadológica, e não a manutenção da vida. Disponível em: <https://www.socioambiental.org/noticias-socioambientais/precisamos-falar-sobre-beleza-dos-yanomami>. Acesso em: 15 fev. 2023.

⁸ “Curió foi um agente secreto do Serviço Nacional de Informação durante a Ditadura Militar brasileira, e entre suas missões estava o combate à Guerrilha do Araguaia, também no sul do Pará, entre 1967-1975” (TEDESCO, 2015, p. 67).

vivendo à margem da sociedade e apenas com a falsa esperança de que um dia encontrariam o ouro que mudaria as suas vidas.

A teórica indiana Gayatri Spivak (2010, p. 12), no livro *Pode o subalterno falar?*, define como subalternizado aquele grupo de pessoas pertencentes às “camadas mais baixas da sociedade, constituídas pelos modos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante”, sendo este o caso dos grupos inseridos no contexto abordado. Ela responde à pergunta do título de sua obra afirmando que o subalternizado não pode falar porque não lhe são dados espaços para tal. No entanto, compreendemos que a autora esteja problematizando esta questão para evidenciar os espaços desiguais entre diferentes sujeitos, e não atestando a incapacidade desses indivíduos de falar. Devido a isso, Spivak (2010) reitera que o acesso à fala é possível a partir do momento em que esses grupos sociais passam a ocupar a posição de protagonismo em espaços acadêmicos, por exemplo, possibilitando que tenham o acesso ao seu lugar de fala.

Além disso, apreciamos as contribuições da pesquisadora Regina Dalcastagnè (2002, p. 33-34) em que ela define os grupos marginalizados como “todos aqueles que vivenciam uma identidade coletiva que recebe valoração negativa da cultura dominante, sejam definidos por sexo, etnia, cor, orientação sexual, posição nas relações de produção, condição física ou outro critério”. A autora apresenta um conceito mais abrangente que integra diferentes grupos sociais e completa afirmando, trazendo também como questão o texto literário, que:

Quase sempre expropriado na vida econômica e social, ao integrante do grupo subalterno lhe é roubada ainda a possibilidade de falar de si e do mundo ao seu redor. E a literatura, amparada em seus códigos, sua tradição e seus guardiões, querendo ou não, pode servir para referendar essa prática, excluindo e marginalizando. (DALCASTAGNÈ, 2002, p. 38).

No caso de *Maria de todos os rios*, Monteiro utiliza a sua escrita para denunciar as condições dos sujeitos subalternizados em Serra Pelada, durante o período da Ditadura Militar de 1964. Na sua obra, são representados os seguintes grupos no espaço do garimpo e ao redor dele: as mulheres, levadas à prostituição; os homens e jovens garimpeiros, que viviam de forma desumana no trabalho da mineração; os homossexuais reprimidos e torturados pelo autoritário Sebastião Curió; o próprio ecossistema amazônico e todos aqueles presentes na narrativa que, de uma forma ou de outra, sofrem pelas condições

desumanas neste território. Aproveitamos o momento em que retomamos o contexto da Ditadura presente na narrativa para finalizar este tópico e resgatar brevemente o que diz Jaime Ginzburg (2001, p. 145) no artigo “Escritas da tortura”:

O apagamento da memória coletiva das referências à tortura, bem como sua banalização, potencialmente reforçam as chances de naturalizá-la e ignorar a intensidade de seu impacto. O esquecimento é, nesse sentido, em si, uma catástrofe coletiva. A leitura de textos literários voltados para o tema pode contribuir para evitar a banalização.

Ao discorrer sobre memória e violência, Ginzburg (2001) aponta que a leitura de textos produzidos no período ditatorial, no Brasil, é uma das formas de manter viva a memória coletiva deste momento traumático vivenciado no país. Assim, as contribuições do autor trazem a possibilidade de mantermos vivas as discussões acerca do garimpo de ouro na Amazônia, sobretudo de Serra Pelada, que ocorreu no contexto da Ditadura. Dito isto, abaixo iremos apresentar a construção das personagens desvalidas no romance de Benedicto Monteiro.

2 As personagens femininas desvalidadas em *Maria de todos os rios: meretrizes ao redor do garimpo*

“O cadáver de minha mãe encheu toda aquela sala e eu fiquei ainda mais esmagada no meu silêncio. O que senti a senhora nem imagina e nem eu tenho condições de lhe dar agora uma pálida ideia daquele momento. E talvez por isso, pela primeira vez na minha vida, eu não tive medo. A dor já fazia parte de mim, mas naquela hora a dor era tanta, tanta, tanta que nem bispei que estava sozinha na presença da própria morte”.

(MONTEIRO, 1995, p. 14).

Como já mencionado, o romance monteiriano é narrado em primeira pessoa por Maria a partir de seu relato a Dalva, que faz papel de narratário no romance, entendido por Genette (1995) como um dos elementos da situação narrativa que correspondem ao seu interlocutor. A pesquisadora aparece no enredo por meio do vocativo “senhora”, empregado pela protagonista em boa parte da trama, e “nhá mana”, utilizado poucas vezes. É pela voz de Maria que temos conhecimento acerca do objetivo da entrevista realizada por Dalva: “quando eu me espantei, da senhora estar pesquisando sobre a sensualidade, para escrever a sua tese de doutorado na universidade, a senhora mesma me disse, que o seu trabalho era, justamente, para provar a importância da sensualidade” (MONTEIRO, 1995, p. 160). Com isso, é possível notar que há uma tensão, no romance,

entre Maria e Dalva, uma vez que a interlocutora ocupa o lugar de intelectualidade e a protagonista marca as complexas vivências dos povos da Amazônia brasileira, sobretudo no garimpo de Serra Pelada. Acreditamos que o lugar de subalternidade em que as personagens se encontram está marcado nas escolhas narrativas da obra, principalmente devido às diferenças sociais entre a narradora e sua interlocutora.

Destaca-se, portanto, que as categorias do narrador e da personagem são primordiais para compreender o romance, já que, segundo Candido (2014), é a partir do narrador que tomamos conhecimento da personagem, sobretudo por seus “gestos, frases, objetos que a representam e marcam a sua identificação” (CANDIDO, 2014, p. 58).

Primeiramente, a narradora-entrevistada nos conta os detalhes dos eventos que se sucederam para que chegasse no garimpo. Maria narra a morte de sua mãe, de seu irmão e de seu pai, e como essas perdas fizeram com que ela estivesse desamparada no mundo e esmagada em seu próprio silêncio. Por isso, o seu relato se inicia pela morte de sua mãe, justificado por ela logo no início: “sim senhora: minha vida eu começo a contar com a morte de minha mãe. Não que seja o começo, o começozinho do princípio, quando me entendi por gente menina, ainda na beira do igarapé da Anta no centrão de Paracari” (MONTEIRO, 1995, p. 7). Dessa maneira, é perceptível que os lutos vividos impactam diretamente a sua trajetória.

Após as perdas citadas, Maria decide recomeçar sua trajetória em outra cidade, porque até o momento morava na capital paraense. Com isso, ela vai até a rodoviária, pega um ônibus para o local mais longe que pudesse e, nesse momento, tudo se altera. Durante a viagem, conhece Juvenal, personagem que já estava com uma sociedade formada em Serra Pelada. Foi ele quem convidou Maria para descer do ônibus e ir em direção ao garimpo.

Naquele momento da narrativa, mulheres eram proibidas de adentrar em Serra Pelada, por isso, ela ficou na Vila de Curionópolis, parada obrigatória para quem seguiria para o garimpo: “como era proibido bebida e mulheres nas terras do Projeto Carajás, os homens, todos que passavam na Serra, tinham que passar sábado e domingo em Curionópolis” (MONTEIRO, 1995, p. 50). Em Curionópolis, a personagem encontrou estadia na pensão e boate de Mira, amiga íntima de Juvenal, em acordo com os dois. Para poder se manter, bem como para quitar a dívida com Mira devido à estadia na pensão, Maria se viu sem a possibilidade de escolher qual caminho seguir, encontrando na

prostituição⁹ uma forma de sobrevivência. Vejamos o seu relato acerca dos primeiros momentos como meretriz:

Os primeiros dias, ou melhor dizendo, as primeiras noites, eu fiquei muito confusa, com as mudanças de tantos homens, não guardava nenhuma das palavras, ouvia tudo como um ruído e sabia como me portava. Meu serviço era agradar os homens. E Mira sempre me alertava: Maria, nunca esqueça que você é uma profissional. Isto queria dizer que, eu não tinha o direito de escolher o freguês. Nem tampouco me agradar mais de um que de outro. Não vai te enrabichar por qualquer macho. (MONTEIRO, 1995, p. 51-52).

Maria não tem a chance de assimilar o trabalho que passou a desenvolver, por isso o estado de apatia da personagem diante dos encontros com os homens. O trecho acima nos recorda o livro *Minha história das mulheres* (2007), de Michelle Perrot (2007, p. 76), em que ela afirma que “o corpo das mulheres é também, no curso da história, um corpo dominado, subjugado, muitas vezes roubado, em sua própria sexualidade. Corpo comprado, também, pelo viés da prostituição [...]”. A narradora-entrevistada, apesar de sentir a angústia de ter seu corpo dominado por diferentes homens naquele primeiro momento, tinha plena noção de que aquela era uma das poucas saídas para ela e para as outras mulheres que viviam a partir da exploração do próprio corpo. Além da protagonista, temos conhecimento das personagens Zenaide e Mira, mas também das meretrizes enquanto grupo social que lutava por seus direitos ao redor do garimpo.

Mira, dona da pensão e boate na qual Maria passou a morar em Curionópolis, era uma mulher calejada pela vida. Sem passado, presente nem futuro, em quase todos os momentos em que aparece na narrativa, resgata suas vivências e experiências como meretriz através de conselhos dirigidos a Maria, muitas vezes agindo com preocupação, como se exercesse o papel de mãe da narradora e das outras mulheres da casa. Observemos um dos conselhos que ela dá para a protagonista: “Mira foi a primeira que

⁹ Cabe destacar que muito se tem estudado na academia sobre a prostituta no Brasil. Para ilustrar, citamos os trabalhos de Simone de Beauvoir, em *O segundo sexo: a experiência vivida* (2016), em que ela apresenta as discrepâncias entre as mulheres casadas e as prostitutas, uma vez que as segundas carregam consigo o peso mais violento da opressão, nem sequer possuindo direitos como indivíduos, enquanto as casadas, apesar de também serem oprimidas, são respeitadas socialmente; Margareth Rago, na tese *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)* (1990), em que ela discute as representações e imaginários negativos sobre a prostituta na cidade de São Paulo; e Silvia Federici, em *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva* (2017), que, apesar de abordar a Idade Média, evidencia as violências sofridas pelas prostitutas neste período histórico. Dessa maneira, é perceptível que há uma intensa fortuna crítica sobre este tema. No entanto, em relação ao garimpo de Serra Pelada, destacamos que ainda há uma grande ausência sobre o assunto, embora o trabalho de Letícia Tedesco (2015) se apresente como referência nas vivências femininas no garimpo.

me disse: “Maria, vou te dar logo um conselho, meretriz não se apaixona. Nesse nosso ofício nada de amor e nada de paixão. Estamos aqui para prestar um serviço. Somos pagas para isso. Estou te alertando porque és uma menina nova [...]” (MONTEIRO, 1995, p. 59). No conselho de Mira, percebe-se aquilo que Spivak (2010, p. 85) afirma sobre a mulher. Para ela, a questão feminina é ainda mais complexa, porque a mulher, entre os sujeitos subalternizados, está em maior desvantagem, por isso, se ele não pode falar, isso se intensifica quando se trata do gênero feminino. Na fala de Mira, verifica-se como a mulher meretriz ao redor do garimpo não tinha possibilidades de viver como qualquer outra mulher: para elas, são negados o amor e o afeto que poderiam vir a receber.

Em outro momento do romance, Maria confessa a Dalva, sua interlocutora, que sonhava em construir um relacionamento amoroso, porém “a Mira me proibiu esses sonhos. Pra poder ser uma verdadeira mulher da vida, ela achava que a gente devia deixar de pensar em encontrar um amante ou um marido” (MONTEIRO, 1995, p. 123). Sobre esse assunto, Tedesco (2015, p. 51) aponta que:

Nos garimpos de ouro amazônicos, como veremos, a presença feminina não apenas é subestimada e invisibilizada pelo senso comum em geral, mas, quando presente, geralmente é caracterizada por imagens negativas da prostituição, isto é, imbuída em promiscuidade, violência e exploração. É no território das trocas econômico-sexuais realizadas entre mulheres e homens (isto é, na prostituição feminina) que o conceito de gênero parece adquirir uma dose extra de diálogo com “o poder”.

Neste sentido, torna-se inviável para as personagens meretrizes desenvolverem relações afetivo-amorosas com os homens que por ali passavam. Essas mulheres se encontravam à margem da sociedade, desamparadas pelo Estado, que não possibilitava espaços para essas personagens trabalharem de outras maneiras, e pelos homens, que as tratavam como mero objeto sexual.

Outra personagem feminina que demonstra certa melancolia devido à sua posição de meretriz é Zenaide. Mulher já madura, com anos de vivência e experiência como meretriz, a personagem parece ir contra os conselhos de Mira de não se envolver amorosamente com os garimpeiros. Zenaide é sonhadora, sonhava acordada com as canções, revistas e histórias de amor. Adorava músicas dramáticas e tristes cantadas pelos homens: “[...] o que fascinava mesmo eram as palavras, acho até que ela se misturava, lambuzava com as palavras que falavam de amor, de traição, de paixão alucinada ou não correspondida” (MONTEIRO, 1995, p. 61). Como quem parece saber que seus amores e

suas paixões não irão para frente por conta da sua posição de prostituta, Zenaide passa a mergulhar no mundo das palavras, da ilusão e dos sonhos, mecanismo este encontrado por ela para superar a condição em que estava no espaço do garimpo. Assim como Maria, ela também tem seus direitos negados por ser prostituta, tanto em sua história quanto na narrativa, pois o leitor não fica sabendo se ela consegue ou não realizar as fantasias que imaginava em sua cabeça, vividas com intensidade ao ouvir as canções de amor. No entanto, a personagem é significativa, na medida em que revela a posição na qual a meretriz perto do garimpo se encontrava.

Como se trata de uma narrativa contada por Maria, em muitos momentos do romance, a protagonista fala de suas próprias experiências e não possibilita muito espaço para outras personagens falarem. Entretanto, em seus relatos, é possível transpor a experiência da personagem para a classe coletiva de mulheres meretrizes que se encontravam em Curionópolis. Em determinada parte da obra, Maria conta as violências e os abusos sofridos como meretriz, o que facilmente poderia ter sido vivido por outra personagem feminina:

Tive que enfrentar muita brabeza. De homem, de mulher, de polícia e dessas madames do meretrício. Não contei nem vou contar meus momentos mais difíceis. Preciso me esquecer desses terríveis momentos péssimos. O que passou, passou. Relembrar os sofrimentos não é comigo. Mas já que a senhora insiste, que a senhora precisa pra sua pesquisa, posso lhe contar algumas coisas em segredo. [...] O que eu tive que enfrentar enfrentei. E às vezes me sentia completamente desprotegida. Nessas ocasiões, a senhora sabe, ninguém conta com as colegas, nem com as donas de pensão ou da boate. São os riscos da vida. É o que todos dizem. Não falo dos sujeitos avantajados, nem daqueles que preferem as coisas às avessas ou fora do lugar próprio. Eu falo dos tarados, dos violentos, dos brutos que pensam que porque pagam, são donos completos da gente. (MONTEIRO, 1995, p. 105).

No excerto acima, conseguimos perceber os traumas sofridos pela protagonista, que prefere, em muitos momentos, silenciar-se ao invés de recordar as violências que foram dirigidas a ela. Os enfrentamentos que teve que lidar, os riscos que passou, os perigos que viveu pelo simples fato de ser mulher e meretriz nos evidenciam a situação de desvalida dessa e de outras personagens. A relação de subalternidade fica evidente quando Maria aponta que o seu medo, na verdade, não era o ato de trabalhar como meretriz, mas sim o fato de existirem aqueles que se sentiam donos das mulheres, como se detivessem todo o poder sobre elas. Em outro momento, Maria diz, com todas as letras, que ser meretriz não foi uma escolha sua, mas sim uma necessidade, o que acaba

ratificando a ideia de que a mulher do garimpo não tinha alternativas outras para sobreviver para além da prostituição.

Portanto, com a construção das personagens femininas subalternizadas da narrativa monteiriana, percebe-se a forte relação existente entre a literatura e a sociedade levantada por Candido (1965), pois os fatores sociais e históricos acerca do gênero feminino passam a fazer parte da tessitura do texto monteiriano, uma vez que as condições de desvalidas das personagens citadas se intensificam pelo fato de serem mulheres. Longe de retratar a realidade como ela de fato é, Monteiro nos proporciona a reflexão sobre esses sujeitos e sujeitas em desamparo no espaço do garimpo amazônico.

3 A busca utópica pelo ouro em Serra Pelada: a exploração da terra e do homem no trabalho garimpeiro

Como tratado acima, a entrada de mulheres em Serra Pelada era proibida, porém, no desenrolar da trama monteiriana, ela passou a ser aceita, o que fez com que imediatamente Maria se dirigisse para aquele local. Vale destacar que a facilidade da protagonista para entrar no garimpo só ocorre devido à sua relação com Juvenal, pois certamente sozinha seria difícil e, neste momento, ela já era sócia do personagem e dona de barrancos – pedaços de terra para a extração do ouro –, além de estar começando a adquirir recursos financeiros com a compra e venda de ouro. Boa parte do dinheiro adquirido por ela era colocado em uma poupança na Caixa Econômica, fazendo com que depois ela conseguisse se sustentar financeiramente e sair do garimpo. Dessa forma, Maria consegue se tornar parte do grupo hegemônico que conseguiu ascender socialmente por meio do garimpo.

Quando esteve em Serra Pelada, a personagem passou a ver de perto o trabalho da garimpagem e o quão degradante era a vida daqueles trabalhadores que carregavam os cascalhos nas costas, o que acaba ratificando a ideia de Dário Kopenawa (2023) de que onde existe garimpo, não há prosperidade. Assim, nesse espaço, é possível observar dois grupos divergentes: de um lado, aqueles que estão em situação de miséria, exploração e animalização; de outro, um pequeno grupo que manda e desmanda no garimpo a partir de uma manutenção do poder e autoritarismo.

O grupo hegemônico é representado pelo major Curió e seus capatazes. Curió, de acordo com a narradora, “mandava prender, surrar, expulsar e raspar os cabelos, quando eram ladrões ou veados. E era sempre aplaudido nos dias que chegava na praça do garimpo. [...] Lá em Curionópolis, da mesma forma, também era só ele que mandava” (MONTEIRO, 1995, p. 46). Nesse trecho, ficam evidentes as ações para manutenção de poder do grupo hegemônico: a violência¹⁰, em praça pública, para causar pânico e medo na população que ali se encontrava. Importante mencionar que o grupo de homens homossexuais, citado pela narradora, é colocado no mesmo nível dos ladrões, como se fossem criminosos, o que acentua ainda mais o seu grau de subalternidade. Dalcastagnè (2002, p. 34) nos diz que o silêncio dos grupos marginalizados é “coberto por vozes que se sobrepõem a ele”. Isso se intensifica quando nos deparamos com o contexto em que a obra está inserida: o período ditatorial no Brasil. Em outro momento, a narradora detalha o que acontecia com os homossexuais em Serra Pelada:

Bem, esses tinham que ser bem escondidos. Se descobrissem, eram tratados como ladrões. Raspavam a cabeça, davam uma surra, eram presos e depois expulsos. Tudo isso, pra dar exemplo, em praça pública. Faziam o serviço na única praça, onde estavam os serviços de autofalantes, e era feito todo dia o hasteamento e a descida da Bandeira Nacional. (MONTEIRO, 1995, p. 77).

À margem da sociedade, silenciados, violentados e humilhados diante de toda população, para esses personagens desvalidos, não existia nem a tentativa de organização coletiva para reivindicar contra as torturas cometidas. Neste sentido, estamos em consonância com Ginzburg (2001) quando afirma que a literatura é um instrumento importante para a consciência coletiva, pois, através da arte literária, há a recuperação da memória de um povo.

Outros personagens que estavam em situação de desamparo eram os garimpeiros. Como falado anteriormente, a notícia de que havia ouro em Serra Pelada se espalhou pelo Brasil afora, fazendo com que o fluxo migratório na região se intensificasse. Na narrativa, os trabalhadores viviam em condições degradantes no garimpo a céu aberto, pegando sol e chuva, sujos de lama, descendo e subindo várias vezes com pesados sacos de cascalho nas costas e não podendo parar. Maria, em certo momento, relembra como aqueles trabalhadores eram chamados:

¹⁰ De acordo com Tania Pellegrini (2004, p. 19), a violência é tema recorrente na literatura brasileira contemporânea a partir dos anos 60, decorrente também da Ditadura Militar.

Podia ter-lhe trazido as fotografias da Serra, do buraco. Da cava e dos homens, carregando cascalho, feito formigas. Formigas não, formiguinhas, como eram tratados. Aí a senhora ia ver a enormidade do buraco e a quantidade de homens. Um verdadeiro formigueiro. Um formigueiro humano em permanente movimento. (MONTEIRO, 1995, p. 152).

O trecho em destaque evidencia que a esperança de encontrar ouro com o trabalho no garimpo atraía os mais variados tipos de pessoas, fazendo com que elas deixassem de ser consideradas humanas para serem tratadas como formigas. Essa condição só se concretiza devido à utopia de enriquecer com a atividade garimpeira, o que mostra que a falta de oportunidades outras empurra esses homens à cava formada em Serra Pelada. Apesar de serem vários tipos humanos, eram preferidos os mais jovens para trabalhar no garimpo por terem mais força para executar a tarefa. Maria, que teve contato com alguns desses rapazes em seu ofício como meretriz, conta que:

Os jovens, ali de Serra Pelada, estavam se deixando usar pela exploração de seu trabalho que, às vezes, se tornava a forma mais cruel de exploração de sua juventude. Os donos ou gerentes de barrancos, só queriam saber quantos sacos de cascalho eram amontoados por dia e por hora. Os homens que se enterravam naquela lama, cavavam e ensacavam aquela terra, desciam e subiam aquelas escadas, eram tratados como animais. Justamente para apressar a retirada do cascalho, que era lavado e vasculhado em busca do ouro. Era só isso que interessava. Interessava quem era capaz de produzir mais. Mais e mais. E cada vez mais. Por isso eram preferidos os mais jovens, os mais ligeiros e os mais cheios de saúde. Uns trabalhavam por hora, outros trabalhavam por dia [...] (MONTEIRO, 1995, p. 112).

No trecho acima, é possível perceber a situação degradante e exploratória dos jovens na atividade desempenhada. A narradora chega a contar acerca de um personagem, chamado Paulo, que havia relatado a ela que o patrão sempre lhe dava um medicamento no final do trabalho, com a justificativa de que era um remédio para gripe. Ao ler a bula, consegue descobrir que o remédio se tratava de uma droga estimulante proibida para jogadores e atletas, que fazia com que os garimpeiros não se cansassem (MONTEIRO, 1995). Esse grupo, portanto, é um daqueles que estão desamparados e à margem da sociedade, pois não tem alternativa outra a não ser o trabalho que estava sendo desenvolvido. Além disso, como aponta Lavarda (2017), o lucro gerado na garimpagem não ficava nas mãos dos trabalhadores, mas sim dos donos de barranco.¹¹ Dessa forma, a

¹¹ De forma semelhante ocorreu durante o ciclo da borracha na Amazônia: os coronéis de barranco, ou seja, donos dos seringais, exerciam seu poder e autoritarismo para com os seringueiros, utilizados apenas como

narrativa monteiriana denuncia a desumanização sofrida pelos trabalhadores com esse sistema de exploração da terra.

Ao final da narrativa, Maria passa a contar o que se sucedeu em sua vida após os cinco anos que residiu no garimpo. Assim como foi o responsável por Maria ter entrado no mundo do garimpo, Juvenal também foi quem lhe alertou que aquele lugar já não daria mais futuro. Por isso, com o dinheiro adquirido por ela sendo dona de barranco e comprando e vendendo ouro em Serra Pelada, a protagonista alcançou certa estabilidade financeira, permitindo-lhe a mudança do Pará para o Rio de Janeiro e, com ela, a sua nova *persona*: Marily, seu novo nome e sua nova identidade: uma mulher de classe média e dona de uma academia. A personagem, com toda a sua perspicácia e resistência, encontrou formas de sobreviver naquele lugar, mas que só foi possível com o auxílio de Juvenal.

O destino de Maria é dissemelhante dos demais que estavam presentes no garimpo, tendo em vista que nem todos tiveram a mesma sorte. Os que ficaram em Serra Pelada “[...] enterraram lá todas as suas esperanças e todas as suas fortunas. Alguns enterraram lá até as suas famílias e suas vidas” (MONTEIRO, 1995, p. 152). Sobre outros personagens, como Mira, Zenaide e Paulo, o leitor desconhece, propositalmente, o destino, uma vez que eles pareciam estar em maior desvantagem que ela. O que nos parece é que a protagonista consegue ser uma grande exceção no meio de tantas personagens. Quando relembra como ficou o estado do garimpo, ela nos conta que:

Hoje, a cava, a mina, a jazida, é um enorme buraco muito fundo. Cheio de água e lama. Montanhas e montanhas de cascalho ainda alimentam o sonho de muita gente. Milhares de pessoas, homens, mulheres e crianças, ainda sonham o arrancar o ouro daquela pirâmide do avesso, que em vez de apontar para o céu, como os monumentos do Egito, cada vez mais se afundam na terra, deixando os homens também mais pequeninos. (MONTEIRO, 1995, p. 152).

O trecho acima nos chama atenção porque deixa evidente que, mesmo que o garimpo tenha sido desativado naquele momento, ainda milhares de personagens sonhavam incansavelmente em mudar de vida, impulsionados pela utopia de encontrar o ouro dessa cava que deu fruto para apenas uma parte das pessoas. Além disso, há a marca da devastação da terra ocasionada pela ganância. O que importava para esses personagens

mão de obra barata. Sobre o assunto, ver: SOUZA, Márcio. *Breve História da Amazônia*. Rio de Janeiro: Agir, 2001.

era enriquecer, mudar de vida, mesmo que isso trouxesse grandes consequências para suas vidas e para a Amazônia. No fim, o que fica marcado é uma imensa desigualdade social que faz com que o sonho de ascender socialmente motive esses viventes.

Considerações finais

Este trabalho procurou analisar as personagens desvalidas do romance *Maria de todos os rios*, de Benedicto Monteiro, dando destaque às suas vivências no espaço do garimpo de Serra Pelada e seus arredores. Para tanto, optou-se pelo recorte metodológico acerca das personagens femininas meretrizes e da exploração humana e do território amazônico no trabalho garimpeiro. Com isso, nota-se que o escritor paraense, no referido romance, trouxe para o cerne da questão a representação das classes subalternizadas na literatura brasileira contemporânea, relacionando literatura e história.

Além disso, destacou-se que a protagonista Maria é a única, na narrativa, que consegue ascender socialmente ao se mudar para o Rio de Janeiro, adquirir uma academia e se tornar Marily, destino esse não concretizado para as demais personagens. Ainda assim, observamos que o seu progresso ocorre devido, principalmente, à ajuda do personagem Juvenal.

Portanto, pudemos perceber o quanto a utopia do enriquecimento influenciou a vida daqueles que ali estavam, a princípio trazendo esperanças, mas, com o tempo e com a continuada ausência de políticas públicas, transformando-os em seres descartáveis. Logo, com este estudo, foi possível contribuir para as pesquisas acerca da literatura produzida sobre/na Amazônia brasileira, além da categoria analítica das personagens. Esperamos, com isso, que outros pesquisadores ampliem a discussão iniciada neste artigo, considerando o potencial da obra analisada.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Marçal. **Eu receberia as piores notícias dos seus lindos lábios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CANDIDO, Antonio *et al.* **A personagem de ficção**. 13. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

DALCASTAGNÈ, Regina. Uma voz ao sol: representação e legitimidade na narrativa brasileira contemporânea. **Estudos de Literatura Brasileira contemporânea**, Brasília, n. 20, p. 33-87, 2002. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/9705> Acesso em: 10 dez. 2021.

FURTADO, Marlí. Narrativas amazônicas. *In*: JOBIM, José Luís; ARAÚJO, Nabil. SASSE, Pedro Puro. **(Novas) Palavras da Crítica**. Rio de Janeiro, RJ: Edições Makunaima, 2021.

GENETTE, Gérard. **Discurso da narrativa**. Lisboa: Vega, 1995.

GINZBURG, Jaime. Escritas da tortura. **Dialogos Latinoamericanos**, Universidade de Aarhus, v. 3, p. 131-146, 2001. Disponível em: <https://texsituras.files.wordpress.com/2010/03/escritas-da-tortura-jaime-ginzburg.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2022.

KOPENAWA, Dário. **Precisamos falar sobre a beleza dos Yanomami**. Instituto Socioambiental, 09 de fevereiro de 2023. Disponível em: <https://www.socioambiental.org/noticias-socioambientais/precisamos-falar-sobre-beleza-dos-yanomami>. Acesso em: 15 fev. 2023.

LAVARDA, Marcus Túlio Borowiski. O “formigueiro humano”: o garimpo de Serra Pelada pelas fotografias de Sebastião Salgado. *In*: 11º ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 2017, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, p. 1-15, 2017. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/>. Acesso em: 15 dez. 2021.

MACAGGI, Nenê. **A mulher do garimpo**: romance do extremo sertão norte do Amazonas. Manaus: Imprensa Oficial, 1976.

MATHIS, Armin. Serra Pelada. **Papers do NAEA**, Belém-PA, n. 050, p. 1-19, 1995. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/pnaea/article/download/11954/8270> Acesso em: 21 jan. 2022.

MIBIELLI, Roberto. Nenê Macaggi, Desenvolvimento e Exotismo n’A Mulher Do Garimpo. *In*: SIMÕES, Maria do Socorro Galvão; NASCIMENTO, Luciana Marino do (Orgs.). **Traços e Laços da Amazônia**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2016, v. 1, p. 201-221.

MONTEIRO, Benedicto. **Maria de todos os rios**. 2. ed. Belém: Cejup, 1995.

NASCIMENTO, Maria de Fatima. **A representação alegórica da ditadura militar em O Minossoauro, de Benedicto Monteiro**: fragmentação e montagem. 2004. 143 f. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas - SP, 2004.

PELLEGRINI, Tania. No fio da navalha: literatura e violência no Brasil de hoje. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 24, p. 15-34, 2004. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/2150/1710>. Acesso em: 20 fev. 2018.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Almeida, Marcos Feitosa e André Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TEDESCO, Leticia da Luz. **No trecho dos garimpos: mobilidade, gênero e modos de viver na garimpagem de ouro amazônica**. 2014. 420 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.